

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 2

SÃO PAULO - MAIO DE 1953

ANO I

COLABORAÇÃO E VIGILÂNCIA

A boa acolhida que teve, em todo o Estado, o primeiro número de UNIFICAÇÃO, estimulando-nos a prosseguir na tarefa, esforçando-nos para que o jornal da USE possa cobrir o seu programa e atingir os seus objetivos. Como tivemos ocasião de assinalar, em nosso artigo de apresentação, todo o empenho da Diretoria Executiva e do Conselho de Redação consiste em fazer deste jornal o verdadeiro porta-voz do movimento espírita paulista, mantendo-o sempre na posição de imparcialidade e serenidade indispensável à boa realização dos seus altos propósitos.

Por não ser o órgão de uma sociedade isolada, com objetivos limitados à divulgação do Espiritismo num bairro ou numa cidade, — mas, o órgão de todo o movimento doutrinário do Estado, — a elaboração deste jornal é tarefa melindrosa e complexa, que exige enormes doses de boa-vontade e desprendimento, de todos os que nela se empenham. Essa a razão por que o trabalho redacional de UNIFICAÇÃO foi entregue a um Conselho de Redação, constituído de vários confrades, que se reúnem periodicamente, para discutir as matérias a serem publicadas em cada número. Os membros desse Conselho despendem-se de todo o pessoalismo, de todo interesse pessoal pelas notícias e artigos que tenham redigido, para que a análise dos mesmos seja feita de maneira ampla, tendo-se sempre em vista os superiores objetivos e interesses da USE, e, portanto, do movimento doutrinário.

As vantagens desse trabalho em conjunto são palpáveis, pois evitam a preponderância de opiniões particulares num órgão de orientação doutrinária, cuja tarefa é das mais amplas e profundas. As sociedades adesas à USE podem, assim, confiar na orientação uniforme do jornal que representa o movimento de unificação, distribuindo-o amplamente entre os seus associados.

As questões de doutrina são da mais alta importância para um órgão da responsabilidade de UNIFICAÇÃO. Por isso mesmo, tudo quanto respeita a essas questões é apreciado com vagar e prudência, antes de ser encaminhado à composição. Apesar disso, os assuntos são de tal monta e complexidade, e a falibilidade humana é tão natural, que pode dar-se o caso de sair, num ou noutro número do jornal, qualquer pequeno deslize que tenha escapado ao Conselho de Redação. Se algum leitor o notar, prestará verdadeira colaboração à USE e ao seu jornal, escrevendo-nos a respeito. Se a advertência tiver razão de ser, não teremos dúvidas em submeter o problema a nova apreciação e retificar, na edição seguinte, o que tiver saído errado.

Queremos insistir na necessidade de constante colaboração e vigilância de todos os Centros, associações doutrinárias de toda espécie, e dos espíritas em particular, para que UNIFICAÇÃO se mantenha no nível que lhe compete, como órgão de orientação do nosso movimento. Para isso, não podemos prescindir do esforço e da boa-vontade de todos. Cada leitor é um colaborador e um fiscal permanente do nosso jornal. A opinião de todos, e de cada um, é da maior importância para o Conselho de Redação, que as ouvirá sempre com atenção e agradecimento.

Por outro lado, necessitamos de noticiário, de informações, de colaborações de toda parte, e pedimos aos confrades do interior e da Capital que não poupem trabalho no sentido de colaborar para o enriquecimento da matéria informativa desta folha. UNIFICAÇÃO, portanto, — é um jornal dos espíritas, — e a estes compete trabalhar para torná-lo cada vez mais representativo do nosso movimento e cada vez mais seguro e eficiente.

O QUE É A USE (SUA POSIÇÃO)

A. SARRAF

Interpretando cuidadosa e corretamente sua posição, de organismo direcional e unificador da família espírita paulista, a USE apoiou-se sábiamente sobre os sólidos fundamentos da consagrada Codificação Kardeciana.

Considerou seriamente a maior preocupação de Kardec, manifestada em vésperas de sua partida para o Plano Espiritual Superior, conforme se lê em "Obras Póstumas", sob o título "Constituição do Espiritismo", páginas 313 e seguintes, a qual foi de promover a unificação e organização social do Espiritismo, para prevenir os perigos que haviam de vir, ameaçando sua unidade social e doutrinária.

Eis porque se definiu a USE com desassombro e clareza, pois era mister também atendessem à observação do Evangelho: — seja o teu falar: sim, sim; não, não.

Os ensinamentos contidos nas Obras Fundamentais — as Kardecianas — serão observados sem restrições pela USE, assim como será repellido tudo o que contraditar o seu conteúdo.

Por coerência pugnamos pela conceituação dos termos — *espírita* e *espíritismo*; pela discriminação en-

tre *Espiritismo* (a doutrina codificada por Kardec) e certas práticas de mediunidade, comuns em Umbanda, Quimbanda etc.; pela repulsa a sincretismos religiosos ou filosóficos.

E poderá ser de outra forma? Pohnham-se os respeitáveis confrades, de sã consciência, em posição de responsáveis pelo patrimônio moral e doutrinário da USE, e ajuzem.

Uma posição acomodaticia, para agradar a todos e a tudo, é fazer vista grossa às consequências inevitáveis de abastardamento do celeste legado dos Espíritos do Senhor — a Terceira Revelação. E' misturar trigo e jôio.

A USE surgiu para unir e guiar as forças positivas da Doutrina que restabeleceu os ensinamentos do divino Mestre, visando à vivência do Evangelho, que os homens adulteraram criminosamente. Iremos nós tentar o Senhor, para forçá-lo a novo cometimento na Terra, qual o de nova restauração da Doutrina que não sabemos compreender e menos preservar? Acautelemonos, que esta é uma hora de extrema vigilância, cuja eficácia se prende à verdadeira humildade, desprendimento cristão e libertação dos éros multi seculares.

Sincretismo Religioso (UM DIVISOR DE ÁGUAS)

JULIO ABREU FILHO

Nosso insigne mestre Allan Kardec, codificador da Doutrina dos Espíritos, apresentou-a sob tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso. Em várias passagens de sua obra vasta de dezoito volumes, insiste Kardec nessas feições, para incutir em nossa mente estas coisas simples:

i — a ciência verifica os fatos, remonta às suas causas, observa os seus efeitos; classifica-os, sistematiza-os;

ii — a filosofia, de posse das constatações científicas, transporta aquelas observações para terreno mais amplo, para horizontes mais rasgados, em função dos elementos, espaço e tempo, nos oferece uma doutrina;

iii — no caso particular do Espiritismo os fatos giram em torno da alma — dos mortos e dos vivos — coisa que nenhuma ciência pôde negar de forma convincente e nenhuma religião pôde provar de modo ao menos aceitável; mostram essa alma feliz ou sofredora, em consequência do seu padrão de vida material, isto é, em função do bom ou mau emprego que tenha feito de seu livre arbítrio, tanto maior quanto mais culta e moralizada; mostram que Deus não pode ser um ente antropomórfico, como pintam as religiões, e, pois, não castiga nem premia; nós é que somos premiados ou castigados, já no início de nossas próprias ações, respeitantes ou infringentes da Lei Natural, ou Lei de Deus, e esse prêmio ou esse castigo se verifica nesta existência ou em existências futuras, que, assim, são consequências dos atos presentes, do mesmo modo que a existência presente é uma resultante de vidas passadas. E porque todos esses problemas relativos à alma, às penas, aos gosos post-mortem, assim como os relativos à origem da vida, à cosmogonia, etc., foram sempre cogitação das religiões — numa época em que delas se não haviam separado as escolas filosóficas — é que Kardec, muito sábiamente, não pôde deixar de considerar o lado religioso do Espiritismo, muito embora tivesse tido o cuidado de prevenir que o Espiritismo é uma doutrina de consequências religiosas, mas não seria uma religião de cultos exteriores.

Nos espíritistas brasileiros vimos de um ambiente religioso onde não nos ensinaram os princípios filosóficos da religião, que se achava — e se acha — reduzida às exterioridades de um ritual aparatoso e altamente impressionante para as criaturas em determinados estados psicológicos.

Quem teve filhos e os levou à pia batismal; ao altar, para o casamento ou num ataudé para o cemitério, com uma parada na Igreja, sabe a força impressiva do cerimonial. Vá, porém, traduzir o latínório, buscar-lhe a origem e a interpretação; e perguntará por que motivo a Igreja guerreira o Espiritismo; e compreenderá, então, que todas aquelas coisas aparatosas e impressionantes nos aconteceram em momentos de excepcional emoção quando nula a nossa capacidade judiciatória e, demais, gravadas na reiteração, onde o hábito acaba criando uma segunda natureza, sulcam-nos a mente, conformam-nos o gosto, sem que o nosso Espírito tenha exata consciência daqueles símbolos e, menos ainda, dos valores espirituais que poderiam estar por detrás deles, se praticados com um sentido que não o monetário e o de domínio sobre massas ignorantes, pósto que ricas e bem postas.

Ora, a massa espírita não se forra às influências dessas vibrações, dessas tentativas de acomodação com fórmulas e aparatos caducos. E acontece o seguinte: os menos cultos e mais utilitaristas, que esperam dos Espíritos certos arranjos da vida, caem nos terreiros de Umbanda, que não é Espiritismo, mas, um rito afro-

católico, produto muito natural da nossa formação histórica, que só tem de comum com a Codificação Kardeciana a utilização da mediunidade, se é que se pode dizer que são comuns ao Kardecismo as manifestações violentas e, muitas vezes, imorais, que se presenciaram nos terreiros; os mais ilustrados procuram, ultimamente, apresentar Umbanda como filiada às velhas escolas da Índia, da Pérsia, da Caldéia e do Egito; sua sem-cerimônia chega ao ponto de pretenderem que Umbanda seja uma doutrina filosófica, paralela ou em convergência com a Codificação Kardeciana; os espíritas realmente cultos temem sair a público e dizer a verdade, contribuindo para uma obra de cultura geral.

Reconhecemos que os derivados de sangue ou de espírito do stock africano, que os portugueses trouxeram para o Brasil, têm direito de manifestar a sua religiosidade — e, portanto, o seu aprimoramento espiritual — do modo por que quiserem e por que puderem. Reconhecemos que se trata de um sincretismo religioso, mas desejamos que as sociedades espíritas subordinadas à Codificação Kardeciana fiquem indenes de qualquer sincretismo.

Não que esqueçamos seja o sincretismo religioso um fenômeno sociológico naturalíssimo, mas, sobretudo, porque, sendo o Espiritismo uma doutrina que, pelo esclarecimento total, tira o indivíduo daquele estado de minoridade espiritual em que se encontra em todas as religiões dogmáticas e ritualistas, para lhe oferecer maioridade espiritual, em que já não necessita de templo, de sacerdote, de liturgia e de ritual; sendo, por isso mesmo, único no mundo ocidental, dito cristão, a apresentar essas características — salvo, é claro, os pequenos núcleos teosofistas, antroposofistas e alguns outros, ainda mais reduzidos, que renovam e desenvolvem algumas correntes paralelas ou convergentes do pensamento oriental — a Doutrina Espírita não encontra outra similar e no mesmo plano de evolução, com a qual pudesse se misturar em sincretismo religioso.

Toda infiltração que se der será, então, um abastardamento. Não há argumento de boa-fé que prove terem tido os negros mais evoluídos, que vieram para o Brasil, uma cosmogonia que se acomodasse aos fundamentos das ciências experimentais.

Parece que dois fatores ponderosos estão acozoroando essa degradação: o primeiro é o interesse político de caçadores de votos, para se refestelarem nas posições, reglamente pagas, de representantes de um povo vilipendiado; o segundo é o interesse artístico de certa corrente de arte moderna, que está a descobrir motivos estéticos e sociológicos nas macumbas e candomblés — para a pintura, a poesia, a música e a escultura e, até, para o teatro e o rádio.

Como estudo folclórico tudo isto é muito interessante; como direito de certas camadas sociais é muito digno de respeito. Mas não é possível defender-se e, pois, justificar-se essa obscura tendência moderna, de misturar o Espiritismo com um ritual afro-católico que se não mais coaduna com a época da televisão e dos aviões supersônicos.

Pode alguém fazer restrições à Doutrina Espírita, pode ser eclético. A própria Doutrina isto prevê. Mas é, positivamente, falta de cultura, que pressupõe síntese de conhecimentos, querer fundir a mais alta expressão do pensamento espiritualista, como é a Codificação Kardeciana, com o mais primitivo animismo antropomórfico, vestido em rebotalhos do ritual católico.

Evitemo-lo, em nome do próprio progresso, de que a Doutrina dos Espíritos é a mais alta propagadora, em nome das forças do Espírito.

O Parlamento inglês acaba de reconhecer, como Religião, o espiritismo-cristão. Essa deliberação oficial da Inglaterra terá repercussão mundial e, por certo, será imitada em todo o Globo, onde se cultivar o cristianismo e onde se estudar o Espiritismo.

Realmente, a Terceira Revelação é a continuação da Segunda, assim como esta foi continuação da Primeira; aliás, cada nova Revelação será sempre o restabelecimento e a ampliação da Revelação anterior.

Diz Kardec: "A Doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, derramou-se por toda a parte pelo Cristianismo, mas não converteu o mundo inteiro; o Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade".

... "O Espiritismo encerra, como já ficou demonstrado, todas as condições do Consolador prometido por Jesus".

... "O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, — é consequência direta desta Doutrina". Por fim, diz ainda o insigne Codificador da Doutrina dos Espíritos: "O Espiritismo vem dar cumprimento, nos termos preditos, ao que o Cristo

A Vitória dos Espíritas Ingêses

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

anunciou, e também preparar o cumprimento das coisas futuras; representa, pois, a obra do Cristo, por Ele mesmo presidida, conforme afirmou, para a regeneração que se opera, e prepara, na Terra, o Reino de Deus".

Como se vê, ligando, inseparavelmente, o Espiritismo de hoje ao Cristianismo de há dois mil anos, os ingleses seguiram a mesma orientação de Kardec, o que é muito significativo.

Quando a considerar o Espiritismo também como Religião, não sabemos se os ingleses tomarão os cuidados que, a este respeito, tomou Kardec, o qual, em seus últimos escritos, deixou bem claro que o Espiritismo não era uma Religião organizada e, sim, Religião do ponto de vista filosófico; quer dizer que, na Religião espírita, como no Cristianismo primitivo, não

há, e jamais deverá haver, dogmas, culto externo, hierarquia sacerdotal, poderes de perdoar pecados e estacionamento.

O Espiritismo prepara a humanidade para a Religião de Jesus, toda ela feita do conhecimento íntimo da Vontade do Pai, Vontade essa que é vivida, de modo integral e permanente, desde os mais íntimos pensamentos até às ações mais amplas.

Aproxima-se, pois, o dia do cumprimento daquelas palavras memoráveis do Mestre à mulher samaritana, e não amará a humanidade a Deus dentro de qualquer templo, mas, sim, através da inteligência aplicada à perquirição da Verdade, que é a Vontade do Criador e do sentimento de bem-querer e de bem-fazer, dirigido em benefício dos necessitados de todos os matizes.

Que os ingleses saibam, pois, acompanhar Kardec na interpretação profunda do termo Religião; que se desvinculem de tudo aquilo que nunca pertenceu propriamente à Religião, e que sempre foi manifestação das necessidades dos religiosos, ainda, espiritualmente, pouco evoluídos. Saibam eles, e saibamos todos nós, atarmos-nos exclusivamente ao que é essencial e que pertence à Religião, suplantando aquelas condições que sempre serão acessórias e que dizem respeito diretamente ao estado evolutivo do crente.

O problema religioso é todo ele de ordem íntima, pois a Religião, visa à realização do Reino de Deus, o qual, como no-lo deixou bem claro o Mestre Divino, é todo ele de natureza íntima, interior, feito do conhecimento e do sentimento na realização progressiva da Vontade de Deus.

Ao declarar enfaticamente: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim", o Cristo sintetizou em si a Religião, a ligação com a Vontade do Pai. Sendo, pois, o Espiritismo, o restabelecimento e a ampliação natural do Cristianismo, o paradigma religioso de todos os espíritas deverá ser um só, do qual jamais nos deveremos apartar: Jesus Cristo.

Solidariedade

Há por toda parte, no nosso Estado, como pelo resto do Brasil, algumas obras dignas de admiração, respeito e ajuda, não só dos espíritas que as erigiram e as sustentam, como das cidades que as sustentam, como um belo padrão de realizações sociais inspiradas no mais puro sentimento cristão.

Tomemos melindrar companheiros, mas não nos farramos ao impulso de citar, por exemplo:

— a obra do casal Novelino, na cidade de Franca, construindo e dirigindo um dos mais belos educandários do Brasil — o Educandário Pestalozzi.

— a obra dos espíritas de Marília, construindo e mantendo um sanatório para doenças nervosas e mentais, o Hospital Espírita de Marília, que abriga mais de duas centenas de doentes vindos até de fora do Estado;

— a obra assistencial dos espíritas de Bauri, que alcança centenas de beneficiados de 1 a 80 anos de idade — o que é bastante para se fazer uma idéia da importância e da complexidade de seus problemas;

— a obra dos espíritas de Santos, sintetizada na organização empreendida por Maria Máximo e que não pode ser resumida em meia dúzia de linhas.

— O Sanatório "Américo Bairral", de Itapira, dirigido pelo dinâmico confrade Cesar Bianchi;

— Os Asilos para Velhos e Crianças, bem como o Sanatório, mantidos pelo esforço incalculável dos dirigentes do Centro Espírita "Amor e Caridade" de Birigui, onde não sabemos o que mais admirar: se o trabalho hercúleo de Dna. Olinde e seu espóso ou a grandiosidade dessas três obras assistenciais;

— a Casa de Saúde "Allan Kardec" de Franca, cuja tradição já se impôs neste Estado.

Falamos apenas das maiores.

Pois bem: UNIFICAÇÃO pede, com o mais vivo empenho, que as instituições espíritas assistenciais de qualquer gênero e as educacionais, lhe remetam, a fim de alimentar a secção SOLIDARIEDADE, que pretendemos manter: i — documentação fotográfica; ii — dados históricos sobre a instituição; iii — forma de manutenção; iv — auxílios oficiais; v — diretoria atual.

Pelo MUNDO

PORTUGAL

EUTANÁSIA

De "Estudos Psíquicos", excelente revista a serviço do Espiritismo, editada em Lisboa, Portugal, defrontamos com valioso artigo de redação, que pedimos vênia para divulgar em nossos meios.

Os conceitos expendidos, com profundo conhecimento da alma e suas complexas funções, interpretam plenamente nossa opinião sobre a eutanásia.

A posição de "Estudos Psíquicos", ante o grave assunto, pode com justiça ser considerada — a posição do Espiritismo.

E' confortadora essa unidade de vistas, que decorre da unidade da Doutrina codificada por Allan Kardec, o fiel e sábio intérprete dos Espíritos do Senhor.

Apresentamos o trabalho na íntegra:

"A civilização moderna é um cilindro de ferro que percorre o globo, deixando em toda a parte a marca evidente da sua passagem. Uns tantos que se arremeteram e qualificaram de mentores do rebanho ignaro vão ao leme do veículo, guiam-no a seu talento para que o peso do monstro se exerça na maior extensão e ufanem-se da obra, antes de lhe calcular o valor, quanto à felicidade distribuída. De "triumfo" em "triumfo" sobrepõem-se à Natureza, esquecendo elementares princípios que regem o mundo espiritual e não podem adaptar-se aos desígnios da matéria. Assim, há correntes materialistas que preconizam a eutanásia para evitar o sofrimento, em doentes irremediavelmente condenados, sem se lembrando de que essa forma de homicídio é tão criminoso como outra forma qualquer.

As referidas correntes influenciaram a ONU e trabalham para impôr seus desígnios maléficos no sentido de se legalizar uma prática contrária à moral e condenada por todos os verdadeiros espiritualistas.

Sabemos que os diagnósticos da medicina estão longe de corresponder à expectativa de numerosos enfermos que anseiam pela cura e vão servindo de cobaias em campos de experiência onde a responsa-

bilidade é letra morta. Os avanços da ciência, no tocante à cirurgia, são, na verdade, relevantes e dignos do maior respeito. Não podemos negá-los, ninguém os pode negar; e pena é que a ciência médica não acompanhe os passos da sua irmã mais nova e se lhe avante em progresso. Mas isto não justifica o direito de matar! Só Deus sabe o momento exato da partida e ninguém pode antepôr-se aos desígnios da Proidência.

Quantos casos não há de desenganados que se curam à margem da terapêutica oficial? Quem é o homem, para ditar a última palavra? O médico deve acompanhar o enfermo até aos derradeiros instantes e nunca abreviar a existência de quem veio à Terra no desempenho de missões que transcendem os limites do humano conhecimento. Fugir a esse dever sagrado é abandonar um sacerdócio. Dizer que tal doença é incurável, prova quase sempre a insuficiência do facultativo; dizer que tal dor é insuportável é desconhecer a sensibilidade de cada um, relativamente ao problema psicológico.

Em nome do sentimento humano protestamos contra a aplicação da eutanásia, sejam quais forem os casos em que se pretenda adoptá-la! Enquanto há vida, há esperança! Quem poderá garantir morte ou vida ao organismo depauperado? Quem sabe ao certo como ele reagirá, quando a Natureza fizer apelo às forças ocultas? Os médicos chamam "casos frustes" aos daqueles que triunfaram da morte, apesar dos diagnósticos em contrário. O povo apelida-os de "milagres".

A eutanásia é a pena de morte oferecida aos amigos, para lhes poupar o sofrimento. Mas o caso é que ninguém tem pressa de morrer e um minuto de espera nos últimos momentos corresponde a meses, quando a vida se apresenta cheia de belas perspectivas. A lei da conservação pertence ao código moral. Porque há-de o homem antecipar-se à destruição incoerente e abreviar a morte de quem tiver algumas horas que viver?... E quem sabe se nesse breve lapso o doente não virá a ter uma grande alegria espiritual?...

O homem não deve tirar o que não pode dar. Aperfeiçoe os métodos terapêuticos, mas respeite os desígnios de Deus. Aplane o sofrimento, dulcifique a existência em auxílio humanitário, mas não mate a esperança ao moribundo com vio-

lências que poderão deixar traços indelévels no perispírito.

Esta é a posição de "Estudos Psíquicos" ante um problema que não pode ser resolvido de ânimo leve, mercê da gravidade excepcional que reveste."

INGLATERRA

A Society for Psychical Research, organização fundada em 1882 com o objetivo específico de pesquisar a existência da alma e suas manifestações durante a vida e post-mortem, através de sensitivos, normalmente chamados médiums, publica sistematicamente o seu boletim, ou jornal.

O último, correspondente aos meses de janeiro e fevereiro deste ano, traz interessante material de estudo e de documentação. Assim, por exemplo, há um magnífico trabalho, assinado por G. W. Fisk e A. M. J. Mitchell sobre a aplicação de uma nova técnica no cálculo dos resultados de pesquisas psíquicas; um resumo do tratamento psíquico, através da hipnose, em certos estados alérgicos, principalmente na "ichthyosis"; tirado do *British Medical Journal*; trabalhos de R. A. Mc Connell sobre treinamento para pesquisas de metapsíquica e de J. Hettlinger e D. J. West sobre Telepatia e Espiritismo.

Mas o que há ali de mais importante é o trabalho de John Björkhem, resumido por C. D. Broad, sob o título de "Det Ockulta Problemet!". O notável professor de Uppsala estuda a Parapsicologia como ciência e busca a sua explicação. Em seu trabalho aborda a telepatia, a clarividência, a psicometria, as curas espíritas, o hipnotismo e a criminalidade, a escrita automática e a xenoglossia, bem como a telecinésia e as materializações.

Entre 1930 e 1950 o Dr. Björkhem fez mais de 30.000 experiências com mais de 3.000 sensitivos, a maior parte dos quais estudantes das universidades de Uppsala e Lund.

E' pena não tenham ainda os espíritas brasileiros compreendido o valor de tais pesquisas e a necessidade de uma sociedade idêntica à prestigiosa S. P. R., que foi fundada pelos pioneiros do moderno Espiritismo na Inglaterra, há 80 anos!

O Espiritismo

EMMANUEL

O Espiritismo, nos tempos modernos, é, sem dúvida, a revivência do Cristianismo em seus fundamentos mais simples.

Descerrando a cortina densa, postada entre os dois mundos, nos domínios vibratórios em que a vida se manifesta, mereceu, desde a primeira hora de suas arrematadas doutrinárias, o interesse da ciência investigadora que procura esquivá-lo ao gabinete ou ao laboratório, qual se fora mera descoberta de energias ocultas da natureza, como a da eletricidade, que o homem submeteu ao seu bel prazer, na extensão de vantagens ao comodismo físico.

Interessada no fenômeno, a especulação analisa-lhe os componentes, acreditando encontrar, no intercâmbio entre as duas esferas, nada mais que respostas a velhas questões de filosofia, sem qualquer consequência de ordem moral, na experiência humana.

Erra, todavia, quem se norteia por essas normas, de vez que o Espiritismo, possuindo a sobrevivência além da morte, envolve em si mesmo vasto quadro de ilações, no campo da ética religiosa, constando o homem a mais largas reflexões no campo da justiça.

Não cogitamos aqui de dogmática, de apologética ou qualquer outro ramo das escolas de fé em seus aspectos setários.

Não nos reportamos a religiões, mas, a Religião, propriamente considerada como sistema de crescimento da alma para celeste comunhão com o Espírito Divino.

Desdobrando o painel das responsabilidades que a vida nos confere, o novo movimento de revelação implica abençoado e compulsório desenvolvimento mental.

A permuta com os círculos de ação dos desencarnados compele a criatura a pensar com mais amplitude, dentro da vida.

Novos aspectos da evolução se lhe descortinam e mais rico material de pensa-

mento lhe enriquece os celeiros do raciocínio e da observação.

Entretanto, cada recipiente guarda o conteúdo dessa ou daquela substância, segundo a conformação e a situação que lhe são próprias, a Doutrina Renovadora, com os seus benefícios, passa despercebida ou escassamente aproveitada pelos que se inclinam às discussões sem utilidade, pelos que se demoram no êxtase improdutivo ou pelos que se arrojam aos despenhadeiros da sombra, companheiros ainda ineptos para os conhecimentos da ordem superior, trazidos à Terra, não para a defesa do egoísmo ou da animalidade, mas, sim, para a espiritualização de todos os seres.

De que nos valeria a prodigiosa descoberta de Watt, se o vapor não fosse disciplinado, a benefício da civilização? que faríamos da eletricidade, sem os elementos de contenção e transformação que lhe controlam os impulsos?

No Espiritismo fenomênico, somos constantemente defrontados por aluções de forças inteligentes, mas nem sempre sublimadas, que nos assediam e nos reclamam.

Aprendemos que a morte é questão de sequência nos serviços da natureza.

Reconhecemos que a vida estua, ao redor de nossos passos, os mais variados graus de evolução.

Daí o impositivo da força disciplinar.

Urge o estabelecimento de recursos para a ordenação justa das manifestações que dizem respeito à nova ordem de princípios que se instalam vitoriosos na mente de cada um.

E, para cumprir essa grande missão, o Evangelho é chamado a orientar os aprendizes da ciência do espírito, para que, levianos ou desavisados, não se precipitem a imensos resvaladouros de amargura ou desilusão.

ga deixada por Abraão Sarraf, em virtude da eleição deste para o outro cargo; e, finalmente, o dr. Ary Lex para o cargo de 1.º Secretário, na vaga deixada pela professora Luiza Pessanha Camargo Branco.

9 — Lamentar a ausência dos representantes da 1.a, 2.a, 3.a, 4.a, 6.a e 9.a Regiões, embora alguns tenham justificado, telegraficamente, a impossibilidade do comparecimento dos representantes efetivos ou seus suplentes.

10 — Apresentar, aos parentes dos confrades Drs. João Mascarenhas Neves, Presidente do C.R.E. da 3.ª Região, e Fábio Montenegro, membro do Departamento Jurídico da USE, os sentimentos desta entidade pelo falecimento dos mesmos.

11 — Convocar o C.D.E. para nova reunião, no dia 26 de julho vindouro, às 9 horas, nesta Capital.

UNIFICAÇÃO — O Conselho Deliberativo Estadual científico-se e aprovou todas as providências tomadas pela D.E. no sentido de assegurar a próxima circulação do jornal oficial da USE, aprovando a organização do Conselho de Redação integrado pela maioria de membros da D.E. garantindo, assim, o pensamento da entidade e dando forma coletiva a esse empreendimento, de acordo com disposições estatutárias e finalidades da USE.

CONCEITUAÇÃO DO TERMO "ESPIRITA": — O Conselho Deliberativo Estadual tomou, igualmente, conhecimento das medidas adotadas pela D.E. em referência ao trabalho para esclarecimento da diferença que há entre Espiritismo e mediunismo, bem como da consequente necessidade da conceituação do termo Espirita, rejeitando o desvirtuamento das práticas doutrinárias e o uso indevido daquela designação para as sociedades outras que não as praticantes da Doutrina Espírita.

Foram estas as principais resoluções do C.D.E. constantes da respectiva ata.

Conselho Federativo Nacional

O Conselho Federativo Nacional, órgão da FEB, em sua última reunião, realizada em 2 do corrente, tomou conhecimento da Circular datada de 16 de março último, que a USE lhe enviou. A USE, entidade representativa do Espiritismo no Estado de São Paulo, pedia, na citada circular, que o Conselho reconsiderasse a sua deliberação anteriormente tomada a respeito da conceituação do termo — espírita — em face do mediunismo. Tal conceituação, deveria ter a mais ampla divulgação em todo o País, através das entidades espíritas de âmbito estadual, depois da mencionada reconsideração. Após a leitura da circular em aprço, e das considerações de que a acompanhavam, o Dr. Wantuil de Freitas, presidente da FEB e do CFN, apresentou à mesa, para debates, uma proposta. Essa proposta visava conciliar pontos de vista que esclarecessem dúvidas, talvez ainda existentes para aqueles que não aprofundam os princípios básicos da Doutrina dos Espíritos. Após diversos conselheiros se manifestarem, a proposta foi aprovada, tendo o representante de São Paulo se absteído de votar. Essa atitude, conforme sua declaração, teve em vista dar conhecimento da proposta aludida à entidade que representa, dada a gravidade do assunto, sobre o qual a USE já havia tomado sua posição definitiva.

A seguir, transcrevemos essa proposta aprovada, que tem o título — ESCLARECENDO DÚVIDAS — ficando, assim, completa a anteriormente aprovada, da autoria do representante do Distrito Federal, no CFN:

"ESCLARECENDO DÚVIDAS"

"O Espiritismo, conforme reconhece o Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, é a Revelação prometida pelo Cristo de Deus para os séculos em que a Humanidade alcançasse um grau de assimilação mais elevado.

Os fenômenos psíquicos, tão velhos quanto o mundo, só atraíram a atenção dos intelectuais, quando surgiram os ocorridos em Hydesville, em 1848.

Em 1857, após observá-los e catalogá-los com o mais metodoso rigor científico, Allan Kardec lançou ao mundo o primeiro livro da codificação dessa nova Revelação — "O Livro dos Espíritos", criando o vocábulo Espiritismo para designar essa Revelação, então chamada e ainda conhecida em outros países pelo nome de Neo-Espiritualismo.

Difere o Espiritismo de todas as religiões conhecidas por demonstrar a lógica dos seus ensinamentos através de experiências científicas e por apresentar uma filosofia também baseada em experimentos e observações e documentada por uma legião de sábios de renome universal.

Religião científico-filosófica, confirmando os ensinamentos básicos de todas as religiões, não pretende demolir as que a precederam, antes reconhece a necessidade da existência delas para grande parte da Humanidade, cuja evolução se processará lenta e inevitavelmente.

Doutrina religiosa, sem dogmas propriamente ditos, sem liturgia, sem símbolos, sem sacerdócio organizado, ao contrário de quase todas as demais religiões, não adota em suas reuniões e em suas práticas:

- a) — paramentos, ou quaisquer vestes especiais;
- b) — vinho ou qualquer bebida alcoólica;
- c) — incenso, mirra, fumo, ou substâncias outras que produzam fumaça;
- d) — altares, imagens, andores, velas e quaisquer objetos materiais como auxiliares de atração do público;
- e) — hinos ou cânticos em línguas mortas ou exóticas, só os admitindo, na língua do país, exclusivamente em reuniões festivas realizadas pela infância e pela juventude e em sessões ditas de efeitos físicos;
- f) — danças, procissões e atos andológicos;
- g) — atender a interesses materiais terra-a-terra, rastreiros ou mundanos;
- h) — pagamento por toda e qualquer graça conseguida para o próximo;
- i) — talismãs, amuletos, orações miraculosas, batinhos, escapulários ou quaisquer objetos e coisas semelhantes;
- j) — administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos nobiliárquicos;
- k) — confecção horoscópicos, exercício de cartomancia, a quiromancia, a astromancia e outras "mancias";
- l) — rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público;
- m) — termos exóticos ou heteróclitos para a designação de seres e coisas;
- n) — fazer promessas e despachos, riscar cruces e pontos, praticar, enfim, a longa série de atos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas.

O fenômeno psíquico pode surgir em qualquer meio religioso ou irreligioso e seu aparecimento pode conduzir a criatura ao Espiritismo, mas a consolidação da crença, o conhecimento das leis que presidem os destinos do homem e a perfeita assimilação da Doutrina Espírita só se conseguem através do estudo das obras de Allan Kardec e das que lhes são subsidiárias".

O SÊLO DA USE

Está sendo ultimada a confecção dos selos de contribuição mensal.

Apelamos aos Centros e instituições espíritas para colaborarem com a Use, passando os selos aos associados, que pagarão um cruzeiro mensalmente, como contribuição para a Use. O selo vai colado no recibo mensal do sócio.

Os Umes e Udes poderão desde já fazer os pedidos de selos, de acordo com as necessidades das sociedades que as integram, respondendo pelas importâncias correspondentes.

"UNIFICAÇÃO"

Os pedidos de remessa do órgão oficial da Use para centros devem ser feitos conforme a tabela inscrita na última página. Pedimos às Umes e Udes que não tardem os seus pedidos, para orientar as futuras tiragens.

Conselho Federativo Estadual

(RESUMO DA ATA)

O C.D.E., em sua reunião ordinária de 26 de Abril de 1953, tomou as seguintes resoluções:

1 — Elevar o número de Conselhos Regionais Espíritas para catorze: o 13.º com sede em Marília e o 14.º em Bebedouro.

2 — Solicitar aos Conselhos Regionais que enviem sugestões para o desdobramento das atuais regiões estaduais, com as devidas justificativas, dentro de 30 dias.

3 — Solicitar dos conselheiros estaduais a remessa de relatórios resumidos sobre as atividades dos respectivos conselhos; acompanhar os relatórios de referências objetivas visando providências que julguem concorrer para melhorar o trabalho de unificação e as atividades doutrinárias.

4 — Remeter às UMES cópia do esquema "Semanas Espíritas" a fim de ser estudado e melhorado pelas sugestões que os conselheiros deverão apresentar, e depois irá para aprovação definitiva, na p. f. reunião do C.D.E.

5 — Concoroar, em princípio, com a antecipação do Congresso Estadual de Mocidades Espíritas delegando poderes à D. E. para dizer a última palavra sobre a matéria, assim como para resolver os assuntos propostos pela Mocidade LAPP.

6 — Diligenciar junto ao Exmo. Sr. Governador do Estado no sentido de garantir o funcionamento do C. E. "João Candido", da Colônia de Santo Ângelo, que se acha interdito.

7 — Considerar justa a ação da D. E. relativamente ao caso do jornal oficial da USE.

8 — Eleger o confrade Abraão Sarraf para o cargo de 2.º Tezoureiro, na vaga do dr. Júlio Abreu Filho; a confrade Professora Luiza Pessanha Camargo Branco para o cargo de 2.º Secretário, preenchendo a va-

Erros de Tôda Espécie Numa Informação Sôbre Espiritismo

O CLUBE DOS JORNALISTAS ESPÍRITAS DIRIGE-SE
AO JORNAL "O ESTADO DE SÃO PAULO"

PEDINDO RETIFICAÇÃO

Do Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo, recebemos o pedido de divulgação do seguinte comunicado: — O jornal "O Estado de S. Paulo" é o único órgão da imprensa diária que não publica noticiário espírita. Entretanto, a 20 de dezembro último, na sua secção "Os leitores perguntam" referiu-se ao Espiritismo, respondendo à pergunta de um leitor. O presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas, entregou, em mãos, ao Diretor daquele jornal os esclarecimentos que passamos a reproduzir logo em seguida à resposta que aquele diário deu ao leitor que perguntou: "Como a Ciência encara o Espiritismo?" Responde "O Estado de São Paulo":

"A ciência, na verdade, não encara o espiritismo de forma alguma. A ciência só considera dados e fatos positivos e o espiritismo, na acepção comum dessa palavra, não passa de uma hipótese no plano da pesquisa psíquica. Do ponto de vista da ciência existem apenas anomalias e estados morbidos que ocasionam manifestações para-normais, desde que as formas corriqueiras da telepatia, da premonição etc., até os fenômenos, amiúde espetaculosos, da mediunidade. Esses fenômenos merecem a atenção dos médicos e dos psiquiatras, tendo sido pesquisados por cientistas ilustres, como, por exemplo o francês Charles Richet, premio Nobel de Medicina de 1913. Ernesto Bozzano, um dos mais arrojados estudiosos dessa matéria, aventou a "hipótese espírita", numa obra notável publicada na Itália na segunda década deste século, intitulada precisamente "Ipotesi spiritica", e não foi além. Da mesma forma, a ciência não vai "além", por exemplo, quando examina as curas chamadas milagrosas, de Lourdes. Nesses casos, como no das manifestações que se convencionou definir como "espíricas", a ciência toma conhecimento dos fatos, mas não os explica e não arquiteta teorias.

Seres tridimensionais que somos, só podemos encarar cientificamente o que recai dentro do âmbito de nossas faculdades de percepção, o que não impede que nossa imaginação possa conceber abstratamente outras dimensões nas quais muita coisa pode acontecer, em si perfeitamente plausível, embora inalcançável de nosso ponto de vista. Inútil acrescentar que as atividades científicas não podem exorbitar do território do perceptível. Seria, para lembrar um celebre exemplo citado por Einstein, como se, se fossemos donos de duas dimensões apenas — a da profundidade e a da largura — quisessemos focalizar cientificamente os fenômenos que se processam na dimensão vertical. Pois é exatamente isso: os fatos classificados expeditamente sob o rotulo "espiritismo" são a manifestação sensível de interferências para nós misteriosas e imperscrutáveis de uma dimensão "x", quando, convém repeti-lo, só conhecemos três, e irrevogavelmente três.

Isso posto, responderemos também aos leitores Cicero Pimentel e Frutuoso de Mello Pimentel que nos convidam a publicar na coluna "Movimento religioso" notícias referentes à "religião espírita". O espiritismo não pode ser uma religião, nem natural nem positiva. Foi uma menina de 11 anos, afinal, Kate Fox, que imaginou primeiramente, em 1847, na localidade inglesa de Hydeville, um meio de se comunicar com o "fantasma" que, dizia ela, assombrava o porão de sua casa. Mais tarde, um outro inglês J. Post, inventou uma espécie de alfabeto Morse para in-

terpretar os pretensos sinais dos espíritos, que se manifestavam por intermédio de indivíduos psicicamente anormais, os quais, por isso, foram chamados "médiums". Começou então a moda e a mania das "mesas falantes". Ora, tudo isso é artifício e não revelação, mera hipótese, arbitrária como todas as hipóteses que não podem ser demonstradas cientificamente, aplicada a fenômenos que é errado chamar de sobrenaturais apenas porque não podemos explicá-los racionalmente. Algo muito frágil, pois, para sustentar o sistema místico-religioso de Allan Kardec. Disse Santo Tomás que "religião é o complexo dos fatos que relacionam o Homem a Deus". Santo Agostinho definiu: "Religião é a maneira de conhecer e honrar a Deus". Ora, o espiritismo não serve como tramite entre o Homem e Deus, entre o particular e transitório e o universal e eterno. Apenas seria — aceitando as hipóteses aventadas — uma prova da existência do espírito. Mas, isso, na verdade, já dispensava qualquer demonstração".

RESPONDE O CLUBE

E' o seguinte o ofício do Clube dos jornalistas Espíritas:

"São Paulo, 5 de janeiro de 1953. Exmo. sr. dr. Julio de Mesquita Filho, DD. Diretor de "O Estado de São Paulo". Cumprindo obrigações expressas dos seus estatutos, o Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo vem expor, à ilustrada Direção desse jornal, o seguinte:

Na edição de 20 de dezembro último, secção "Os leitores perguntam", página nove, "O Estado de S. Paulo" insere longa resposta, sob o título "Espiritismo, ciência e religião", a vários leitores, afirmando que "a ciência não encara o Espiritismo de forma alguma" e que "O Espiritismo não pode ser uma religião, nem natural, nem positiva".

Essas afirmações, ambas temerárias, não são baseadas em qualquer demonstração. Não passam de formulações gratuitas, seguidas, além disso, de informações inexatas sobre a história do Espiritismo e a própria natureza da doutrina. No pequeno espaço ocupado pela nota, podemos anotar nada menos de dez erros, inclusive nas citações de ordem geográfica. Certos de que esse jornal, ao criar a referida secção, teve por objetivo o esclarecimento real dos consulentes, pedimos a retificação daquelas informações, que não correspondem à verdade, e esclarecemos, a seguir, as razões que nos assistem:

1.ª) — A Ciência encara o Espiritismo por várias formas, tendo William Crookes, Russel Wallace, sir Oliver Lodge, Schrenk Notzing, Alexandre Aksakoff, Henrique Morselli, e muitos outros, realizado notáveis experiências e publicado importantes trabalhos a respeito, sendo de salientar-se a imensa contribuição de Charles Richet, com o seu "Traité de Metapsychique" e livros posteriores, criando a Metapsíquica, como um ramo da Fisiologia, como vistas ao esclarecimento dos fatos espíritas. Lembramos ainda as investigações realizadas por comissões de sábios, como a da Sociedade Dialética de Londres, os trabalhos atuais do prof. Stopolini, da Universidade de Camerino, na Itália, os trabalhos das sociedades de pesquisas psíquicas de Londres e da América do Norte, o recente Congresso da Sociedade Metapsíquica Italiana em Salerno, o próximo congresso internacional a realizar-se em Roma, os anais da Society for Psychical Research, de Londres. Dizer, pois, que a ciência não encara o Espiritismo de forma alguma é dar uma informação inverídica.

2.ª) — Ernesto Bozzano, lente da Universidade de Turim, ao contrário do que diz a informação desse jornal, não aventou, apenas, a hipótese espírita, sem ir "mais além". Muito pelo contrário, Bozzano aprofundou o assunto, levando-o até às últimas consequências. Escreveu sessenta obras sobre a matéria, tornando-se um dos maiores defensores do Espiritismo nos meios universitários e científicos da Europa, e chegou a convencer Richet da veracidade da explicação espírita dos fenômenos supranormais. (Veja-se carta de Richet a Bozzano, in "Psychic News", Londres, 30 de maio de 1936, reproduzida na obra "Silva Mello e os seus Mistérios", recentemente editada nesta capital, autoria do dr. Sérgio Valle.

3.ª) — Não é exato que a Ciência "toma conhecimento dos fatos, mas não os explica e não arquiteta teorias". Esta afirmação é mesmo anti-científica, pois é ponto-pacifico que a Ciência caminha através da contínua formulação de teorias, sendo absurdo supor-se uma ciência estática, de simples registro e observação, que não objetivasse uma conclusão das suas investigações. O próprio Bozzano escreveu numerosas monografias, para refutar teorias absurdas como a da "crip- testesia", das vibrações do éter, a alucinação, a da latência, a teleplástica, a telestésica, a anímica e outras muitas, sendo conveniente consultar-se, a respeito, o seu famoso livro "Animismo ou Espiritismo", fruto de quarenta anos de estudos, pesquisas e experimentações. Por outro lado, se a Ciência encara os fatos, é evidente que encara o Espiritismo de alguma forma.

4.ª) — Diz a informação desse jornal: "seres tridimensionais que somos, só podemos encarar cientificamente o que recai dentro do âmbito de nossas faculdades e percepções, etc.". Queremos lembrar que as pesquisas espíritas, feitas objetivamente, por cientistas de renome universal, não fogem, como nem poderiam fazê-lo, aos limites sensoriais e portanto tridimensionais em que vivemos. Os fenômenos de materialização e levitação, por exemplo, não se verificam numa hipotética quarta ou quinta dimensão, mas aqui mesmo, nas três dimensões do nosso mundo. Além disso, o rígido conceito de ciência tridimensional do redator não corresponde à verdadeira natureza e aos objetivos reais da Ciência. A Matemática é a ciência-pura, segundo o velho conceito que José Babini relembra em sua "Origem e Natureza da Ciência", e Weyl acrescenta que a Matemática, base das ciências exatas, é a ciência do infinito. Ora, o infinito não pode ser tridimensional. Seria interessante que o redator consultasse os conceitos bergsonianos de ciência. A propósito, aconselhamos também a leitura dos trabalhos de Crawford sobre a alavanca de ectoplasma, que se apresenta de maneira palpável nos fenômenos de levitação.

5.ª) — A afirmação de que o Espiritismo nasceu "na localidade inglesa de Hydeville", por artifícios de uma menina, encerra vários erros e inverdades: primeiro, porque Hydeville é uma localidade americana, próxima a Rochester, N. Y.; segundo, porque as médiuns Fox eram duas, Catarina e Katie; terceiro, porque as manifestações de Hydeville, espontaneamente, naturais e não artificiais, foram apenas um ponto de partida para a investigação científica do problema.

6.ª) — Dizer que as manifestações dos espíritos são produzidas "por indivíduos psicologicamente anormais", é dar véses de realidade comprovada a uma hipótese controvertida, contra a qual se levantam

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE.

Direção do: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:
J. Herculano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
Carlos Jordão da Silva
Abraão Sarraf

Redação: R. Sto. Amaro, 362 - Cx. P., 3.946 São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
20 exemplares ou mais, 25% de desconto.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades, sempre de maneira resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel, e não ultrapassar a duas folhas tamanho ofício.

Impresso na LINGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

autoridades científicas como a do prof. W. R. Newbold, da Universidade de Filadélfia; a do próprio prof. Charles Richet, Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia; a do prof. J. Maxwell, em "Les Phenomenes Psychiques", a dos profs. Osty e Gely, de Paris, além de numerosos outros, na Europa, e na América. Interessante, a propósito, a opinião científica do médico e prof. Laponni, que foi médico dos Papas Leão XIII e Pio X, e cuja obra sobre Espiritismo pode ser manuseada em qualquer biblioteca pública. Inexata, pois, a informação.

7.ª) — O final da nota é um ataque violento ao Espiritismo, fugindo à imparcialidade e serenidade habituais desse conceituado jornal, o que se torna mais chocante, por tratar-se de matéria informativa e esclarecedora da opinião pública. A Doutrina dos Espíritos não tem, por finalidade exclusiva, "a prova da existência do espírito", como pretende o redator desse jornal, mas, a solução dos problemas fundamentais da vida e da morte, do destino e da dor, como se poderá ver da simples leitura de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, obra fundamental da doutrina. Por outro lado, dizer, como disse o redator, que "o Espiritismo não serve de tramite entre o homem e Deus", é formular uma afirmação que exige demonstração. Podemos assegurar e provar o contrário. As numerosas conversões de materialistas, ateus e indiferentes, a crença em Deus e na sobrevivência, através do Espiritismo, provam o espantoso crescimento do Espiritismo como religião, no Brasil, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e outros países, e a imensa bibliografia religiosa do Espiritismo, incluindo valiosos trabalhos de ex-sacerdotes como o rev. Melinge, professor da Sorbonne, Stainton Moses, pastor e professor universitário, e outros muitos. A leitura de obras como "O Mundo Invisível", do Cardeal Alexis Lepicier, "A Religião Psíquica", de Artur Conan Doyle, "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec, "Depois da Morte", de Leon Denis, "Religião" de Carlos Imbassahy, provaria o contrário ao redator, a não ser que o seu conceito de "tramite entre o homem e Deus" seja rigidamente escolástico e medieval.

Acreditamos que a falta de coerência, de exatidão, de imparcialidade, e sobretudo de verdade, da informação publicada por esse jornal, ficou suficientemente demonstrada. Estamos certos de tratar-se de simples engano, tão comum nas publicações diárias, e esperamos a retificação necessária, em benefício da Justiça e da Verdade. Atenciosa e cordialmente, pelo Clube dos Jornalistas Espíritas: J. Herculano Pires, presidente; Americo Della Monica — tesoureiro; Amelia Anhaia Ferraz — secretária".